



Novos relatos para a Amazônia

Nicolás Cuví¹

¹ Departamento de Antropologia, História e Humanidades, FLACSO Equador.
La Pradera e7-174 y Almagro, Quito-Ecuador – ncuvi@flacso.edu.ec



Senti-me compelido a fazer a mim mesmo, com toda a seriedade do mundo, a seguinte pergunta: Qual é o mito que você vive?
(Jung 1952, 6, tradução própria).

O nome “Amazônia” começou a ser forjado com a publicação da crônica da viagem, em 1541-1542, de Gaspar de Carvajal (2007). Esse religioso espanhol contou sobre um povo formado por mulheres que viviam em mais de 70 aldeias. Ele as descreveu como muito brancas e altas, com cabelos longos, trançados e emaranhados, com arcos e flechas, lutadoras ferozes. A partir de então, a região sul-americana foi associada ao mito grego das Amazonas, uma sociedade de mulheres hábeis na guerra e na caça, combatentes ferozes. Em 1544, o veneziano Sebastiano Caboto já as incluía em seu mapa-múndi; ali ele ilustrou soldados com armaduras, escudos e espadas em combate aberto com essas mulheres (Figura 1).



Figura 1 Detalhe de: Sébastien Cabot, *Mapamundi*, 1544. Biblioteca Nacional da França. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40593927f>

Mais tarde, surgiram narrativas relacionadas, nas quais os aspectos humanos e não-humanos da Amazônia foram ilustrados como conflitantes, pelo menos aos olhos da cosmovisão europeia. Esse surgimento de narrativas que

aludiam a um território que precisava ser disputado, subjogado, domesticado, não é meramente anedótico; são narrativas de longa duração que fazem parte de um processo inacabado, a colonialidade, que constantemente refloresce ou tece novas camadas de colonialismo para a construção da alteridade e o exercício do poder (Cuvi 2018). Neste texto, quero ilustrar essas narrativas e alguns discursos que as desafiam. Do mito das Amazonas, passarei a outros mitos para refletir, dentre outras coisas, sobre as imensuráveis aproximações que podem existir na vasta Amazônia, com seus humanos e não-humanos. Essa gama de relatos inclui os deste livro, um dos resultados da Escola São Paulo de Ciência Avançada: Amazônia Sustentável e Inclusiva (doravante “a Escola”). Neste e em outros registros, as tensões e as possíveis soluções diante das desventuras e do aparentemente inevitável são vistas, juntamente com as fugas feitas por heróis e heroínas, antigos e modernos.

Uma história que me vem à mente quando penso na Amazônia do passado e do presente é o mito grego do labirinto de Creta. Esse lugar foi construído pelo hábil Dédalo para conter um voraz Minotauro, um espécime meio humano, meio não humano, ao qual vários jovens deveriam ser entregues em sacrifício a cada ano. O ateniense Teseu, herói da história, juntou-se a um grupo de sacrifício, determinado a matar o Minotauro com sua habilidade de luta, mas ele não sabia como escapar do labirinto. Foi então que apareceu Ariadne, filha do rei Minos de Creta. Seguindo um conselho de Dédalo, ela deu a Teseu um novelo de lã, cuja ponta ele amarrou na entrada do labirinto (Figura 2). Depois de matar o Minotauro, o herói evitou o presságio da tragédia.

Nesse mito, encontro várias semelhanças com o passado e o presente do bioma amazônico. Vejo essa floresta como um labirinto habitado por vários Minotauros, os extrativismos,¹ costumeiros do Antropoceno e suas acelerações (McNeill & Engelke 2014; Steffen *et al.* 2015). Há o governante de Creta, determinado a manter esses monstros e a ordem artificial. Há também Dédalo, inventor do sistema, que parece desconfortável com sua criação e gostaria de vê-lo derrubado. Há Ariadne e seu fio condutor: conhecimento, razão, afeições e astúcia para prevalecer diante do trágico presságio. Há heroínas e heróis que, como Teseu, têm as habilidades e a vontade de aniquilar a fera devoradora, embora às vezes os Minotauros sejam reconvertidos em uma Hidra de Lerna, entidade mítica cuja cabeça, quando cortada, faz surgir duas novas.

1. Em espanhol, a palavra *extractivismo* se refere a atividades de extração em larga escala, especialmente de materiais e energia. Em português, extrativismo refere-se ao uso sustentável de recursos pelas comunidades. Neste artigo, usarei o significado em espanhol.

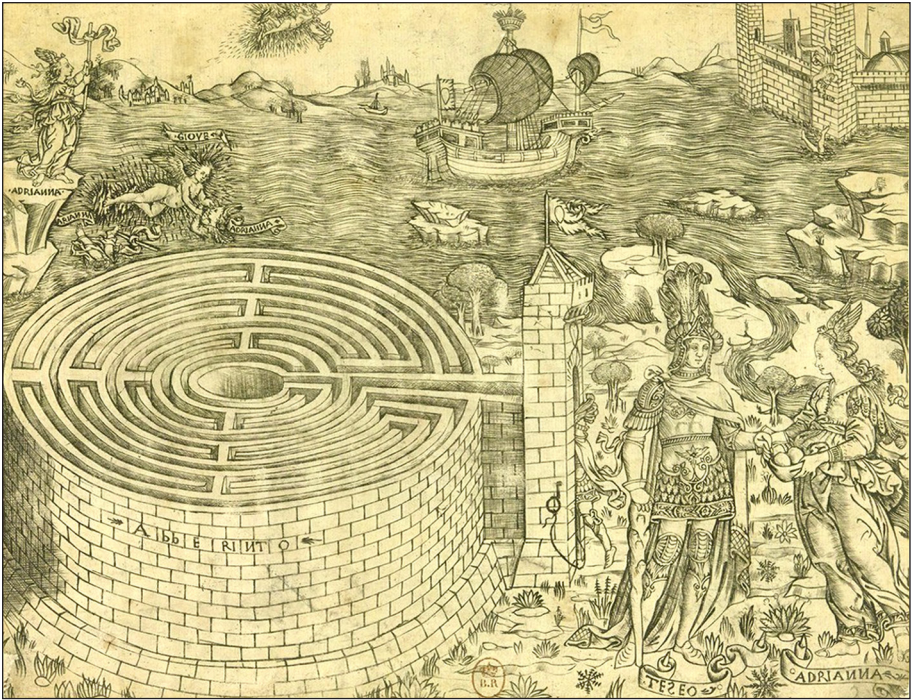


Figura 2 Baccio Baldini, *O labirinto de Creta e a história de Teseu e Ariadne*, 1460-1475. Biblioteca Nacional da França. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40346597v>

Vários mitos amazônicos também me fazem refletir sobre a complexidade desse bioma tropical sul-americano. Um deles, dos índios Bororo, chamado “as araras e seu ninho”, contém elementos semelhantes aos do labirinto cretense (Lévi-Strauss 1964, 43-45). Conta a história de um jovem herói cujo pai quer matá-lo, mas que é salvo várias vezes pela sabedoria de sua avó, que o aconselha a confiar em seres semelhantes a pássaros ou lhe dá um bastão mágico, elementos que o salvam da morte. Seu caminho é tortuoso, sofrido, mediado pela morte, traição e vingança. Como Ariadne com seu novelo de lã, a avó do herói Bororo o salva com uma mistura de afeto e razão, ideias e desejos.

Outro conto amazônico relevante é o dos Gêmeos em sua versão Napo Runa, que ilustra a complexidade e a incomensurabilidade do simbólico e do material nas cosmovisões locais. Grávida, a mãe dos Gêmeos foi para a caverna das onças com a intenção de ser devorada. A onça mãe a escondeu para salvá-la, mas seus filhos onças a encontraram, mataram-na e tiraram os dois bebês de seu ventre. Em vez de devorá-los, a onça mãe decidiu criá-los. Enquanto isso, essas onças continuavam comendo as pessoas, de modo que os humanos

queriam aniquilá-las. Um dia, os Gêmeos prepararam uma armadilha para seus irmãos onças e os mataram, dando uma solução aparentemente paradoxal: ajudar os humanos e trair a mãe onça que os salvou. A onça é, portanto, predadora e presa, admirada, imitada e respeitada, bem como abominada, caçada e temida (Uzendoski & Calapucha-Tapuy 2012). Embora temidos, os humanos procuram se conectar com esses felinos, porque proporcionam sabedoria e ensinam a viver na selva; em outras lendas amazônicas, eles ensinam aos humanos o uso do fogo, e acabam sendo roubados, como no mito de Prometeu (Turner 2017).

Para um estudioso de mitos sob uma perspectiva psicológica, o austríaco Carl Jung (1952), as mitologias de todos os povos e épocas integram, dentre outras coisas, o que ele chamou de “inconsciente coletivo”. Ele sugeriu que temos ideias comuns, algumas das quais estão conosco há muito tempo. Entende-se que também somos capazes de criar novos inconscientes coletivos, que coexistem com os ancestrais. Quais são esses mitos com os quais convivemos, ou que tentamos criar, em torno do bioma amazônico? Tenho interesse em destacar dois relatos que estiveram muito presentes na Escola e neste livro: a do Conhecimento e a da Vida. São dois *topos*, lugares semióticos e materiais que existem ou poderiam existir como utopias ou distopias.

Relatos do conhecimento e da vida

Os dez artigos deste livro, bem como as palestras da Escola, contêm explicações e posições científicas e políticas sobre os processos que ocorrem na Amazônia. Alguns se referem a casos específicos, distinguem processos biogeofísicos localizados ou integram diversas cosmovisões. Eles analisam e interpelam as tensões em torno da poluição, desmatamento, infraestruturas, exclusão social e outras manifestações de violência genocida e ecocida, e apontam – com base empírica e a partir de reflexões teóricas – ações que levem a direções inclusivas, pacíficas e sustentáveis. Apontam os vencedores e os perdedores das diversas atividades. Situados em um lugar de partida que é o aqui e agora, eles apontam para distopias e fazem alusão a possíveis utopias.

Na Escola, ficou explícito que, para dimensionar a utopia das transições para uma sustentabilidade forte, as ações devem ocorrer sob um componente ético, uma ética ambiental (Brennan & Yeuk-Sze 2002-2021). A partir de uma posição ontológica que reflete sobre as relações entre os seres humanos e entre nós e os não-humanos, em uma perspectiva horizontal e renovada, parece possível redefinir e redirecionar aspectos da economia, da política, das regulamentações, do financiamento e da educação. Isso exige a integração de epis-

temologias contemporâneas, incluindo viradas epistêmicas, afetivas e ontológicas, ecologismo, decolonialidade e feminismo. Interdisciplinas como a História Ambiental ou os Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade vêm debatendo e traçando, há décadas, a confluência entre humanos e não-humanos, com suas respectivas agências. O budismo (uma proposta filosófica que existe há séculos), o mais recente romantismo e a Ética da Terra de Aldo Leopold (2005) também estão nessa linha.

Na América, há o *pachamamismo*, ou *sumak kawsay*, com suas virtudes e problemas conceituais e práticos (Bretón, Cortez & García 2014). A sociologia das associações de Bruno Latour (2008), que faz alusão à remontagem do social, é sugestiva. Da mesma forma, emergindo dos estudos amazônicos e da antropologia ontológica, a ideia de “perspectivismo” explica que tanto os humanos quanto os não-humanos experimentam e entendem o mundo de maneiras únicas, e que cada perspectiva é válida e coerente, mesmo que seja diferente (Viveiros de Castro 2013). Essas e outras propostas caminham em direção ao hibridismo e à complementaridade, não deixando ninguém e nada para trás, incorporando e compreendendo a agência de todos os atores. Elas contrastam com a suposição de que existe uma realidade objetiva e universal; elas desafiam modelos unívocos, às vezes hegemônicos. A partir da abertura para múltiplas perspectivas, é possível articular “algoritmos de sustentabilidade”, conjuntos de operações sistemáticas que levam a sistemas socioecológicos de maior virtuosidade e resiliência (Cuvi 2022).

Parte dos objetivos da Escola era ter “uma visão multi e interdisciplinar, baseada na ciência e que valorizasse o conhecimento indígena e tradicional”. A conjunção entre tecnociência moderna e conhecimentos locais, alguns ancestrais, sob a ampla estrutura do que está sendo chamado de “conhecimento” (Barahona & Raj 2022; Daston 2017), faz parte da ética ambiental. Todos os trabalhos são translúcidos em relação a essa deriva. Eles seguem um caminho que recebeu nomes como Ciência pós-normal (Funtowitz & De Marchi 2000) ou diálogo de saberes. Eles reúnem as opiniões de atores que não foram suficientemente destacados, em parte porque seus conhecimentos não são mobilizados por meio de mecanismos como publicações científicas ou congressos acadêmicos. O convite para construir sabedoria horizontalmente, a fim de chegar a soluções, é parte central do que chamo de relato do Conhecimento, que vai além da tecnociência.

Em meio à tribo dos modernos, a tecnociência vem se impondo como uma narrativa poderosa desde o século XVIII. Esse conjunto de normas e maneiras de apreciar o mundo minou o poder de várias instituições. Mesmo assim, ela

não foi aceita por todas as pessoas; atualmente, há um negacionismo por vários motivos, incluindo o fato de ela ter sido insuficiente diante das crises socioambientais e de não responder adequadamente a todas as perguntas, às vezes apenas parte delas. O relato do Conhecimento vai além: aceita que a tecnociência moderna funciona melhor quando combinada com outros conhecimentos, formando um sistema aninhado com propriedades singulares. Esse Conhecimento é como o fio de Ariadne ou o bastão mágico da avó Bororo; inclui muitas perspectivas.

Existiram e existem mestres conhecedores, descendentes de habitantes milenares, que manejaram solos, construíram estradas e cidades, navegaram por rios, domesticaram plantas. Seu legado é, acima de tudo, tácito, vivo na prática, nem sempre disponível no mundo acadêmico. Historicamente, a tecnociência se apropriou desse conhecimento, embora nem sempre o tenha reconhecido. Exploradores amazônicos, como Louis Agassiz, Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, William Henry Edwards ou Richard Spruce, dependeram dessas pessoas e de seu conhecimento prático para construir a tecnociência (Pereira Antunes, Massarani & Castro Moreira 2019).

Na primeira seção deste livro, quatro artigos referem-se ao Conhecimento sobre os macroimpactos das atividades na região amazônica. Eles os analisam e propõem formas de evitá-los ou modificá-los, com estratégias organizacionais e de governança, usando o conhecimento tecnocientífico e os conhecimentos locais e ancestrais. O primeiro texto argumenta que os impactos econômicos, ecológicos e sociais das grandes barragens hidrelétricas foram subestimados, que a narrativa da “energia limpa” é questionável e que, para fornecer eletricidade a comunidades isoladas, seria necessário planejar outras infraestruturas (Resende et al. 2023). Essas conclusões emergem do conhecimento das tecnologias, da economia política e da experiência das comunidades.

No segundo artigo, Lima et al. (2023) abordam o problema sistêmico do desmatamento, apresentando estratégias que têm sido eficazes na sua redução. Em terras públicas e privadas, argumentam, é necessário combinar conhecimento com incentivos, comando e controle. Eles propõem um modelo teórico baseado no que se sabe, sob várias perspectivas, sobre a complexidade dos processos de desmatamento. Esse documento é seguido por um artigo que analisa a preocupante contaminação por mercúrio nas comunidades indígenas, especialmente no território Munduruku. Esse não é um problema novo, afirmam os autores, mas cresce a cada dia, agravado pelo fato de que as políticas e os compromissos nacionais e internacionais não estão sendo cumpridos (Cantú-ária et al. 2023). O título desse texto contém a palavra “realidade”; embora a

“realidade” seja multidimensional, quase nunca unívoca. Em questões como a quantidade de mercúrio nas pessoas, na biodiversidade e nos solos, os dados são indiscutíveis, ainda mais quando observados em conjunto com estatísticas sobre doenças neurológicas, cardiovasculares, digestivas e reprodutivas. Não menos grave é o exposto por Ochoa *et al.* (2023) em seu artigo sobre pesticidas; assim como o mercúrio, os poluentes associados à produção agrícola afetam as pessoas e o meio ambiente em uma perspectiva multidimensional. Os autores mostram um caso muito valioso em torno do arbusto de guaraná. O modelo agroecológico, baseado em técnicas tradicionais, usando material genético da floresta, sem grandes controles artificiais de pragas e com resultados extraordinários, é contrastado com produções que exigem variedades de laboratório e muitos pesticidas. A partir do Conhecimento, esses quatro artigos sobre impactos propõem desde a supressão de megabarragens hidrelétricas até o desmatamento zero e a erradicação de fontes de poluição. Em todos os casos, educação, comunicação, inclusão, prevenção e monitoramento são apresentados como cruciais, trabalhando com as comunidades, ensinando e aprendendo.

O bloco de artigos dedicados à governança local também incorpora o relato do Conhecimento. O primeiro deles explica os problemas causados pelas secas, particularmente no sul, um tema que tem mobilizado muitas pesquisas devido aos seus impactos na mobilidade, no acesso a alimentos e medicamentos, nos preços, nas colheitas, nas queimadas, na pesca e na caça (Pessoa *et al.* 2023). O mais importante que esse trabalho revela, do meu ponto de vista, é que a adaptação a esse fenômeno recorrente, e cada vez mais intenso, pode ser alcançada por meio do diálogo entre os saberes locais e a tecnociência, integrando conhecimentos sobre o calendário agrícola ecológico, *chacras*, sistemas de informação e alerta precoce, dentre outros. Os autores destacam que “a identificação do fenômeno da seca é bastante plural na Amazônia”, o que demonstra a incomensurabilidade que o Conhecimento deve abarcar.

O segundo artigo desta seção analisa uma questão mais ampla: a relação entre a gestão de recursos, as mudanças climáticas e a governança local (Guimarães *et al.* 2023). Ele reafirma o valor do conhecimento local, alguns deles ancestrais, diante de desafios que incluem secas, aumento da temperatura, impactos sobre a biodiversidade e espécies florestais economicamente importantes, dentre outros. Também faz alusão à recuperação do calendário agrícola tradicional como uma medida de adaptação.

O terceiro conjunto de artigos trata da inclusão da diversidade cultural em diferentes escalas. Dedicado à análise da inclusão de estudantes indígenas nas universidades, o texto de Lembi *et al.* (2023) está intimamente ligado ao relato do

Conhecimento, pois a academia deve estar no centro dos processos de integração. Com base no caso do Estado do Amazonas, no Brasil, eles perguntam como melhorar o acesso e a permanência dos estudantes indígenas, evitar a discriminação e promovê-los a cargos representativos nas universidades. Não consigo pensar em um ensaio mais apropriado sobre a ciência pós-normal, sobre o diálogo entre o conhecimento tecnocientífico e os saberes indígenas. Algo semelhante acontece com o artigo sobre diversidade urbana, com foco na mesorregião da ilha de Marajó, Estado do Pará (Carmo *et al.* 2023). Considerando que as cidades são espaços dinâmicos onde ocorrem encontros multiculturais, os autores se questionam sobre os indicadores mais adequados de sustentabilidade urbana. Sem ingenuidade, mas de forma pungente, registram as singularidades dessa região e como os conhecimentos locais e sua consideração poderiam ser usados para tornar o desenvolvimento urbano mais relevante para seus habitantes.

A seção sobre governança termina com um artigo sobre direitos territoriais de indígenas e afrodescendentes em três países. Cañadas *et al.* (2023) argumentam que a preservação da bioculturalidade da Amazônia é importante e que exige a garantia de certas condições para os povos indígenas e afrodescendentes, incluindo seus territórios. Analisam três casos: o Apolima-Arara no Brasil, o Waorani no Equador e o Saamaka no Suriname. Eles apresentam cronogramas e detalham os processos, conflitos, conquistas e necessidades. Mencionam a falta de atividades concretas para garantir que a bioculturalidade seja de fato conservada e propõem inovações em quatro dimensões dos processos: autonomia, autogovernança e participação política; aplicação da lei, monitoramento e sanção; conservação e promoção do conhecimento tradicional; e soberania econômica sustentável baseada na comunidade.

Por fim, a quarta seção traz um artigo sobre transdisciplinaridade. Ela é mencionada não apenas como uma categoria “possível”, mas também como “indispensável” para um futuro sustentável na Amazônia (Krainovic *et al.* 2023). Os autores realizaram dezenas de entrevistas para refletir sobre as estratégias que colocam em prática a ciência transdisciplinar. Os resultados exigem mais trabalho com as comunidades, tanto na incorporação de seus conhecimentos quanto na formulação de políticas. Em resumo: são necessárias abordagens que não sejam apenas de cima para baixo, ou da academia para as comunidades, mas que sejam co-criadas, horizontais e interativas.

A visão inter/multi/trans/polidisciplinar está no centro do relato do Conhecimento. Entre outras coisas, predispõe a superar a ideia de “pureza”, tanto na tecnociência quanto nos conhecimentos locais. Entende que esse desdobramento epistemológico pode pôr fim a narrativas como a que levou à denomi-

nação da bacia de “Amazônica”, a partir de olhos coloniais, para construir narrativas de complementaridades, e não de alteridade. Em uma linha semelhante, há alguns anos, o Painel Científico para a Amazônia publicou um relatório de síntese no qual, além de combinar tecnociência e conhecimentos locais e ancestrais, fez recomendações de políticas (Nobre *et al.* 2021).

O segundo relato a que quero me referir, muito presente na Escola, é o da Vida. Ele remonta a séculos, mas ganhou força renovada com a segunda onda de ambientalismo, a partir das décadas de 1960 e 1970 (Guha 2000). Sua narrativa central é que a destruição da bioculturalidade é problemática e que é necessário ressignificar o espaço amazônico de uma perspectiva semiótica e material. Convida, por exemplo, a deixar para trás a ideia de que essas florestas estão vazias, que são “terras devastadas”, sem pessoas (Cuvi, Guiteras-Mombiola & Lehm 2021). Isso também leva a enterrar a ideia de que são espaços cuja exploração é indispensável e necessária, destinados a converter seu patrimônio natural em capital financeiro na velocidade mais rápida possível. Essa visão tem sido utilizada há séculos para promover o “progresso”, o “desenvolvimento” ou a “modernidade”, desde a história mítica sobre a cidade de El Dorado até os cartazes do Estado brasileiro que há 50 anos aludem à Amazônia como um lugar para “faturar” (Figura 3), ou em mensagens sobre a necessidade inescapável de extrativismo e zonas de sacrifício para alcançar o desenvolvimento no século XXI.

O relato da Vida considera problemáticas as tendências de erosão, poluição, declínio e extinção da diversidade cultural, biológica e agrícola. É sustentado pelo Conhecimento, por exemplo, em declarações no recente relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima, que alude a uma alta confiança de que a Amazônia, “um dos maiores repositórios de biodiversidade e carbono do mundo, é altamente vulnerável à seca” e que poderia se tornar um emissor de carbono, em vez de um sumidouro, devido à morte maciça de árvores (Castellanos *et al.* 2022, tradução própria). Também se baseia no Painel Científico para a Amazônia, que relata possíveis pontos de inflexão (*tipping points*), passos em terras desconhecidas, labirintos onde não temos certeza se temos um fio de Ariadne, onde o Conhecimento pode se encontrar em *terra incognita*. De acordo com esse relatório, baseado em evidências empíricas, há quatro configurações potenciais de ecossistemas para as quais as florestas amazônicas poderiam se dirigir. Entre elas, “o estado degradado de dossel aberto e o estado de floresta secundária de dossel fechado são as mais prováveis de ocorrer em áreas amplas, particularmente ao longo do ‘arco do desmatamento’” (Hirota *et al.* 2021, tradução própria). Esses cenários são preocupantes, pois alertam sobre transições para uma distopia de desmatamento, seca e agitação social.



Figura 3 Anúncio do Banco da Amazônia em 1972, na revista *Realidade*. Fonte: <https://revistacenarium.com.br/cheга-de-lendas-vamos-faturar-anuncio-de-1972-vendia-a-amazonia-ao-capital-predatorio/>

O relato da Vida argumenta que o crescimento econômico, embora gere bem-estar para algumas populações, suscita legados negativos para muitas outras e para a natureza. Questiona se o Produto Interno Bruto (PIB) é a autoridade suprema entre os indicadores de bem-estar. Pede para ir além do número de pás, escavadeiras, minas, projetos de megaconstrução, biomassa exportada ou hectares adicionados à fronteira agrícola a cada ano. Afirma que o sopro do progresso, esse mito prometeico, deixou rastros devastadores que ameaçam o equilíbrio instável da Terra (Steffen *et al.* 2015). Além disso, observa a crescente transgressão dos limites biogeofísicos planetários e dos limites locais como a verdadeira “tragédia” contemporânea (Gligo *et al.* 2020). Põe fim às ideias históricas de prodigalidade e abundância, decisivas na mentalidade e nas ações das repúblicas americanas desde sua criação (McCook 2018); não há mais recursos inesgotáveis ou infinitos a serem faturados.

Os relatos da Vida e do Conhecimento levantam resistência à forma de negações da mudança climática e da mudança global, em *lobbies* que apoiam

a necessidade de espremer até a última gota o patrimônio natural (madeira, petróleo, minerais, fibras, fertilidade, água) para obter capital financeiro. Esses contrarrelatos são apoiados por velhas ideologias de todos os tipos, que não têm interesse em acabar com os etnocídios e os ecocídios a fim de construir transições rumo a uma sustentabilidade forte e à cultura do Ecoceno.

Transições para uma sustentabilidade forte

Diversas mentalidades, intenções, desejos, países, indígenas e afrodescendentes, camponeses, urbanos e milhões de atores não-humanos convergem no espaço amazônico. Às vezes, eles coexistem pacificamente, às vezes entram em conflito com força destrutiva. A conservação da biodiversidade ou a restauração ecológica, com seus benefícios para as comunidades, contrastam com o desmatamento, a mineração e a poluição. Pessoalmente, vejo esses processos como oposições entre pulsões de vida e de morte (Freud 1922, p. 253), entre antropocentrismo e biocentrismo, entre abordagens econômicas convencionais e ecológicas, entre intenções extrativistas e resistências. A questão é se conseguiremos estabelecer um diálogo entre as intenções, algumas das quais estão tão em desacordo umas com as outras que se eliminam mutuamente para acabar em uma soma zero, um caminho para lugar nenhum.

É inegável que há Minotauros-Hidras-Onças que precisam ser eliminados para que se construam transições rumo a uma sustentabilidade forte. Este livro aponta maneiras de fazer isso, práticas e teóricas, com base em diversas narrativas. No entanto, ao tentarmos aplicar essas táticas e estratégias, ou ampliá-las, quando estiverem presentes, podemos acabar sobrecarregados por um progresso lento ou por retrocessos, sentindo-nos incapazes de escapar da previsão de nossa tragédia rumo a um destino fatal.

Precisamos de muita criatividade. Entre as formas de resistência às camadas do colonialismo, muitas saídas foram propostas. Algumas delas são mais incomuns, mas podem ajudar a redefinir a incomensurabilidade dos processos possíveis. Voltemos ao povo Napo Runa, que durante séculos fugiu dos conquistadores, na forma de soldados, religiosos e funcionários, que eles retratavam como canibais que se apropriavam de seus corpos (Alvarado 2010). Depois de muitas fugas, eles escaparam da conquista total submergindo em uma lagoa criada por meio de atos mágicos. Eles fugiram para resistir em uma realidade alternativa: “Do ponto de vista dos nativos, os ancestrais só foram ‘conquistados’ e colonizados em um campo da realidade, o da realidade comum. A superioridade ritual dos ancestrais no campo da realidade alternativa permitiu que

eles sobrevivessem e continuassem a ajudar seus descendentes que habitavam a região” (Uzendoski 2020, tradução própria)”.

Essa lagoa, no plano simbólico, proporcionou um lugar a partir do qual se exercitaram outras resistências e transições. O que é essa lagoa na Amazônia hoje? Eu a vejo como um lugar multidimensional, político, econômico, social, jurídico e afetivo, a partir do qual se pode apoiar as comunidades locais da Amazônia, dando-lhes espaço nas cidades para participar de processos políticos, divulgar suas histórias, exigir direitos, comercializar seus produtos por meio de cadeias de valor justas. A lagoa é um hiperespaço onde emergem e convergem processos de educação, comunicação e divulgação. É onde o financiamento local e internacional é canalizado para implementar projetos de restauração e outras iniciativas que regeneram e resfriam o planeta, que transformam a vida das pessoas, com a participação local, atendendo aos ritmos da natureza. Isso não é uma utopia: em uma comunidade no território Napo Runa, investigamos como as visões e práticas comunitárias foram combinadas com fundos estatais e a tecnociência de matriz europeia para diversificar os meios de subsistência. O ecoturismo comunitário, o manejo florestal sustentável, a promoção do *chakra* amazônico, a agregação de valor a produtos madeireiros e não madeireiros, uma oficina de carpintaria comunitária, um viveiro florestal, a produção de sabonetes artesanais, essências e plantas medicinais e a revalorização do conhecimento ancestral em conjunto com o conhecimento moderno são todos realizados lá (Ariza-Montobbio & Cuvi 2020). A lagoa é um local de capacitação da comunidade, onde palavras como bioeconomia, sustentabilidade forte e bioculturalidade são usadas livremente para forjar novas sociedades.

As transições para uma sustentabilidade forte – uma demanda dos artigos deste livro – exigem pensar fora da caixa. Isso está acontecendo em mais espaços, como em um livro recentemente publicado de ucronias ou histórias contrafactuais (Yáñez 2023). Nele, colegas ligados a universidades se perguntam como seria a Amazônia equatoriana e o Equador se o petróleo não tivesse sido explorado desde a década de 1970. Apenas um sonho? De forma alguma. Em 20 de agosto de 2023, alguns dias antes de enviar este artigo para publicação, foi realizado um referendo no Equador. A pergunta era: Você concorda que o governo equatoriano deve manter o petróleo da ITT, conhecido como Bloco 43, indefinidamente no solo? Sessenta por cento da população votou a favor de interromper para sempre as operações petrolíferas em um setor do Parque Nacional Yasuní. Um Minotauro foi derrotado, mas rapidamente ressurgiu como uma Hidra de Lerna, com duas novas cabeças: artifícios jurídicos e políticos para descartar o resultado.

As transições para uma sustentabilidade forte exigem a transformação da materialidade, derrotando as feras míticas e contemporâneas que continuam a devorar as pessoas, a fertilidade, a água, a biomassa, o sangue dos animais, a seiva das plantas, para alimentar as selvas de concreto, próximas ou distantes, para sustentar estilos de vida insustentáveis. É uma tarefa complicada, ainda mais se observarmos a disposição de liquidar as resistências sem respeito à vida, como é o caso dos crescentes assassinatos de líderes ambientalistas na América Latina, especialmente no Brasil, que em 2019 ficou em terceiro lugar no mundo em número de ecologistas e defensores da terra assassinados, sendo o Estado do Pará o mais perigoso para essas pessoas (Santos 2019). Os extrativismos chegam a esses extremos, ou nos enganam fazendo o trabalho de Penélope: dão audiência para a mudança, fingem fazê-la, mas secretamente desfazem tudo. A cultura hegemônica, altamente entrópica, engolfa, coopta, distorce significados. Foi o que aconteceu com a palavra *sustentabilidade*, tão contestada que se tornou necessário se referir a uma sustentabilidade “fraca”, uma “forte” e, mais recentemente, uma “hiper ou superforte”. A ética ambiental não pode ser ingênua: muitas pessoas querem – ou afirmam querer – ser ecologicamente corretas, mas são obscenamente hipócritas ou ecologicamente ingênuas². Menos ainda são aqueles que entendem as transformações necessárias e, a partir daí, estão dispostos a ressignificar as narrativas.

Nas histórias míticas que apresentei no início deste texto, Ariadne, a avó Borojó e a mãe onça são mulheres. A história colonial tem sido patriarcal, e uma transição pacífica não pode se dar dessa forma, quer homens ou mulheres exerçam a governança. Também gosto de pensar que as soluções nesses mitos são exercidas por seres humanos, confrontando e transformando o destino aparente com seu Conhecimento.

Fugiremos ou resistiremos? Encontraremos afetos salvadores, encontraremos a astúcia para acabar com os Minotauros-Hidras-Onças, para escapar dos piores presságios? Dependerá do que tornarmos visível ou invisível, e se aceitarmos abraçar a incomensurabilidade, que exige mais do que incluir a diversidade. Comecei explicando que a palavra *Amazônia* significou, durante cinco séculos, um espaço associado a conflitos. Hoje, ela reúne vidas e intenções fractais que

2. Pessoas que são facilmente convencidas por qualquer informação deturpada ou que manipulam evidências socioambientais para adequá-las ao seu modo de vida. Afirmam se preocupar com a natureza e parecem se preocupar com a natureza, mas se recusam a analisar suas ideias e práticas em detalhes para evitar desafiá-las. São profundamente ingênuas e não têm malícia, ao contrário das negacionistas, mas são igualmente perigosas para a cultura socioambiental (Cuvi 2022).

emergem e convergem em um só lugar. Ela é percebida de muitas maneiras, com vários mitos, histórias, metáforas, *topos*: lar de milhões de pessoas, pulmão da Terra, reservatório de água, regulador climático, sumidouro de carbono, inferno verde, selva impiedosa, fonte de riquezas, paraíso perdido, paraíso verde... Quando me perguntei, seguindo Jung, que mito ou história construí e vivo em relação a esse bioma, visualizei a Amazônia como a floresta que mantém e sustenta o mundo, uma espécie de Atlas contemporâneo.

A narrativa do crescimento econômico como o único caminho foi responsável por impactos exacerbados antes e durante a Grande Aceleração do Antropoceno. Parece que ela só pode ser respondida com seu *alter ego*, uma Grande Desaceleração, que envolve a revolução agroecológica e a restauração da natureza como pontos de partida para novos sistemas sociais, econômicos e políticos de todas as escalas. A Amazônia tem as condições ambientais propícias para isso, população e Conhecimento. Precisamos trabalhar mais nesses e em outros significados para libertá-la de seus piores atavismos e presságios trágicos.

Agradecimentos – Este artigo foi escrito entre julho e agosto de 2023, entre Quito e Sierra Alisos. Agradeço os comentários sobre seu conteúdo feitos por Paz Guarderas, da Universidade Politécnica Salesiana. O autor agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio à Escola São Paulo de Ciência Avançada para uma Amazônia Sustentável e Inclusiva (Processo 2022/06028-3). O texto foi desenvolvido graças ao convite de Carlos Alfredo Joly e sua equipe para participar da Escola, em novembro de 2022, e no âmbito do projeto Humanidades Ambientais, IP 1093, da FLACSO Equador.

Conflito de interesses – O autor declara não ter nenhum conflito de interesse relacionado à publicação deste manuscrito.

Ética – O presente estudo não envolve seres humanos e/ou ensaios clínicos que deveriam ser aprovados pelo Comitê de Ética Institucional.

Referências bibliográficas

- ALVARADO, C.N. **Historia de una cultura...a la que se quiere matar**, vol 2. Quito: Editorial Nuestra Amazonía, 2010.
- ANTUNES, Anderson Pereira; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. "Practical Botanists and Zoologists": contributions of amazonian natives to natural history expeditions (1846-1865). **Historia Crítica**, [S.L.], n. 73, p. 137-160, jul. 2019. Universidad de los Andes. <http://dx.doi.org/10.7440/histcrit73.2019.07>.

ARIZA-MONTOBBIO, Pere; CUVI, Nicolás. Ecosystem-based Adaptation in Ecuador: good practices for adaptive co-management. **Ambiente & Sociedad**, [S.L.], v. 23, p. 03152, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20180315r2vu2020l4ao>.

BARAHONA, A.; RAJ, K. 2022. A Historiography of the Life Sciences and Medicine in Latin America in Global Perspective. In: **Handbook of the Historiography of Latin American Studies on the Life Sciences and Medicine**. Cham: Springer International Publishing. 2022. p. 1-15.

BRENNAN, A. & YEUK-SZE, L. Environmental Ethics. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2002-2021.

BRETÓN, Víctor; CORTEZ, David; GARCÍA, Fernando. En busca del sumak Kawsay. Presentación del Dossier. **Íconos - Revista de Ciencias Sociales**, [S.L.], n. 48, p. 9, 24 fev. 2014. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ecuador (FLACSO). <http://dx.doi.org/10.17141/iconos.48.2014.1206>.

CANTUÁRIA, P. C. et al. Poluição por mercúrio em comunidades indígenas pan-amazônicas: um retrato da realidade. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão**. São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 109-139. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

CAÑADAS, V. B. et al. Direitos territoriais e conservação da diversidade biocultural na Amazônia: Um estudo comparativo sobre demarcação e titulação de territórios indígenas e quilombolas no Brasil, Equador e Suriname. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão**. São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 201-235. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

CARMO, M. B. S. et al. A diversidade urbana na Amazônia e as agendas globais para a sustentabilidade urbana: propostas e desafios para a Mesorregião Ilha do Marajó – Pará. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão**. São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 173-199. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

CARVAJAL, G. 1942. **Descubrimiento del río de las Amazonas. Relación de Fr. Gaspar de Carvajal**. Bogotá: Prensas de la Biblioteca Nacional, 1942. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/descubrimiento-del-rio-de-las-amazonas--0/html/0039c0ae-82b2-11df-acc7-002185ce6064_7.html.

CASTELLANOS, E.; LEMOS, M.F. (Coord). 2022. Central and South America. In: H.-O. Pörtner; D.C. Roberts, et al. **Climate Change2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability**. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge, UK and New York, NY, USA: Cambridge University Press, 2022. P. 1689–1816. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/report/IPCC_AR6_WGII_Chapter12.pdf.

CUVI, Nicolás. Tecnociencia y colonialismo en la historia de las Cinchona. **Asclepio**, [S.L.], v. 70, n. 1, p. 215, 21 jun. 2018. Editorial CSIC. <http://dx.doi.org/10.3989/asclepio.2018.08>.

CUVI, N. **Historia ambiental y ecología urbana para Quito**. Quito: FLACSO Ecuador y Abya Yala, 2022. Disponível em: <https://www.flacso.edu.ec/node/111?id=7701>.

CUVI, N.; GUITERAS-MOMBIOLA, A.; LEHM, Z. Peoples of the Amazon and European Colonization (16th - 18th Centuries). In: Nobre C.; Encalada A., et al. **Amazon Assessment Report**. New York: United Nations Sustainable Development Solutions Network. https://www.theamazonwewant.org/spa_publication/amazon-assessment-report-2021/.

DASTON, Lorraine. The History of Science and the History of Knowledge. **Know: A Journal on the Formation of Knowledge**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 131-154, mar. 2017. University of Chicago Press. <http://dx.doi.org/10.1086/691678>.

FREUD, S. Teoría de la libido. In: **Obras completas**, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1920-22. v. 18, p. 250-254.

FUNTOWITZ, S.; MARCHI B. Ciencia posnormal, complejidad reflexiva y sustentabilidad. In: LEFF E. (org.). **La complejidad ambiental**. México: Siglo XXI, UNAM y PNUMA, 2000. p. 7-53.

GLIGO, N.; ALONSO, G.; BARKIN, D. *et al.* **La tragedia ambiental de América Latina y el Caribe.** Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2020. 127 p. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/46101-la-tragedia-ambiental-america-latina-caribe>.

GUHA, R. 2000. **Environmentalism: a global history.** New York: Longman, 2000. 176p. (Longman world history series).

GUIMARÃES, Z. T. M. et al. Governança local, mudanças climáticas e manejo de recursos naturais na Amazônia. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão.** São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 271-292. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

HIROTA, M.; FLORES, B. M.; BETTS, R. *et al.* Resilience of the Amazon forest to global changes: Assessing the risk of tipping points. In: Nobre C., Encalada A. *et al.* **Amazon Assessment Report 2021.** Nueva York: United Nations Sustainable Development Solutions Network, 2021. Disponível em: https://www.theamazonwewant.org/spa_publication/amazon-assessment-report-2021/.

JUNG, C.G. **Símbolos de transformación: análisis del preludio a una esquizofrenia.** Madrid: Trotta, 1952.

KRAINOVIC, P. M. et al. A transdisciplinaridade é imprescindível para reformular um futuro sustentável para a Amazônia. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão.** São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 293-325. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

LATOUR, B. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red.** Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEMBI, R. C. et al. Inclusão, acesso e permanência de estudantes indígenas na universidade: reflexões sobre potenciais aprimoramentos para a Universidade do Estado do Amazonas. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão.** São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 143-171. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

LEOPOLD, A. **Una ética de la Tierra.** Madrid: Los Libros de la Catarata, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mitológicas: Lo crudo y lo cocido.** México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1964.

LIMA, L. F. et al. Desafios e oportunidades para zerar o desmatamento na Amazônia Brasileira. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão.** São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 23-50. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

MCCOOK, S. Prodigality and Sustainability: The Environmental Sciences and the Quest for Development. In: SOLURI J.; LEAL C.; Pádua J.A (ed). **A Living Past: Environmental Histories of Modern Latin America.** Nueva York: Berghahn Books, 2018. p 226-245.

MCNEILL, J.R. & ENGELKE, P.. **The Great Acceleration. An Environmental History of the Anthropocene since 1945.** Cambridge: The Belknap Press of Harvard, 2014.

NOBRE, C.; ENCALADA, A.; ANDERSON, E.; et al. (eds). **Amazon Assessment Report 2021.** New York: United Nations Sustainable Development Solutions Network, 2021. Disponível em: https://www.theamazonwewant.org/spa_publication/amazon-assessment-report-2021/.

OCHOA, P. et al. Impacto dos agrotóxicos na bacia amazônica: uma revisão multidisciplinar. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão.** São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 83-108. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

PESSOA, A. C. M. et al. Adaptação às secas na Amazônia: Abordagens participativas para o fortalecimento da perspectiva das comunidades ribeirinhas. In: Joly, C. A. et al. (Org.). **Diálogos Amazônicos: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão.** São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 239-269. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

RESENDE, A. F. et al. Por que *não* continuar construindo hidrelétricas na Amazônia brasileira? Contribuições para uma matriz elétrica renovável e efetivamente sustentável. In: Joly, C. A. et al. (Org.) **Diálogos Amazônicos**: Contribuições para o Debate Sobre Sustentabilidade e Inclusão. São Carlos: RiMa Editorial, 2023. p. 51-79. Disponível em: <https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/11/Dialogos-Amazonicos.pdf>

SANTOS, C. Conflicts in the Amazon: The assassination of Zé Claudio and Maria. In: MENTON; MARY; LE BILLON P. (ed). **Environmental defenders**: Deadly struggles for life and territory. London and New York: Routledge, 2021. P. 13-22.

STEFFEN, Will; RICHARDSON, Katherine; ROCKSTRÖM, Johan; CORNELL, Sarah E.; FETZER, Ingo; BENNETT, Elena M.; BIGGS, Reinette; CARPENTER, Stephen R.; VRIES, Wim de; WIT, Cynthia A. de. Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet. **Science**, [S.L.], v. 347, n. 6223, p. 1, 13 fev. 2015. American Association for the Advancement of Science (AAAS). <http://dx.doi.org/10.1126/science.1259855>.

TURNER, T. S. **The Fire of the Jaguar**. Chicago: Hau Books, 2017.

UZENDOSKI. Cannibal Conquerors and Ancestors: the aesthetics of struggle in indigenous amazonian storytelling from ecuador. **Storytelling, Self, Society**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 61, 2020. Project MUSE. <http://dx.doi.org/10.13110/storselfsoci.16.1.0061>.

UZENDOSKI, M. & CALAPUCHA-TAPUY, E.F. 2012. **The ecology of the Spoken word**: Amazonian storytelling and the shamanism among the Napo Runa. :University of Illinois Press, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **La mirada del jaguar. Introducción al perspectivismo amerindio**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

YÁNEZ, I. (Coord.). **Amazonía sin petróleo**: Historias para cambiar la historia. Quito: Abya-Yala, 2023.

Sobre o autor

Nicolás Cuví é Biólogo pela Pontificia Universidad Católica del Ecuador. Possui mestrado em Comunicação Científica pela Universitat Pompeu Fabra, mestrado e doutorado em História da Ciência pela Universitat Autònoma de Barcelona. É professor pesquisador titular da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO, Equador), onde coordena o mestrado e o doutorado em História dos Andes. <https://orcid.org/0000-0002-3206-5672>

